
Deuses em disputa: considerações sobre a consolidação do monoteísmo no antigo Isarel

(Disputing Gods: Considerations on the Consolidation of Monotheism in Ancient Israel)

Josué Berlesi
Universidade Federal de Pará (Brasil)
josueberlesi@yahoo.com.br

Recibido: 10 /05/2019
Evaluado: 20/05/2019
Aceptado: 05/05/2019

Resumo

Comumente os antigos israelitas são apresentados como responsáveis pela formação da fé monoteísta, dedicando-se ao culto exclusivo do deus Javé. Entretanto, a análise atenta das fontes bíblicas e extra-bíblicas revela que a religião israelita resulta de um intenso processo de trocas culturais na região do Antigo Levante. Desse modo, a presente investigação pretende, por meio da análise exegética da Bíblia Hebraica e dos textos de Ugarit, demonstrar as relações estabelecidas entre Israel e seus vizinhos que possibilitaram a formação de um panteão de divindades abertamente cultuado pelos primeiros israelitas.

Palavras-chave: Monoteísmo, Bíblia Hebraica, Ugarit.

Abstract

Commonly the ancient Israelites are presented as responsible for the formation of the monotheistic faith, dedicating themselves to the exclusive worship of the god Yahweh. However, careful analysis of biblical and extra-biblical sources reveals that the Israelite religion results from an intense process of cultural exchange in the region of the Ancient Levant. Thus, through the exegetical analysis of the Hebrew Bible and the texts of Ugarit, the present research seeks to demonstrate the relations established between Israel and its neighbors that enabled the formation of a pantheon of deities openly worshiped by the first Israelites.

Keywords: Monotheism, Hebrew Bible, Ugarit.

Uma leitura superficial da Bíblia Hebraica/Antigo Testamento pode transmitir a percepção de que os antigos israelitas se caracterizaram por sua fé exclusiva no deus Javé. De fato, essa é a percepção

que vigora no senso comum e que, inclusive, é mantida pelo saber histórico escolar¹. Entretanto, se faz imperioso notar que o processo de construção do ideário monoteísta resultou de um longo processo histórico no qual a intervenção violenta do Estado foi determinante para que Javé permanecesse como o deus único dos israelitas, o que será demonstrado adiante.

Em realidade, a Bíblia Hebraica é um espaço habitado por diferentes divindades algumas das quais, inclusive, são anteriores ao próprio Israel. Nesse sentido, as fontes epigráficas e arqueológicas revestem-se de uma importância singular para demonstrar como o texto bíblico incorpora elementos culturais das sociedades circunvizinhas à antiga sociedade israelita. Tais informações são ponto pacífico na pesquisa acadêmica, entretanto, causam estranhamento no público em geral, em especial, por conta da herança cultural cristã que ainda vigora em nossos países a qual contribuiu para forjar a ideia de que o texto bíblico é um relato histórico autêntico sobre a relação entre o deus Javé e o seu “povo escolhido” sendo inclusive moralmente condenável questionar essa narrativa².

A noção que se desenvolveu, em especial no Ocidente, de perceber Israel como “povo eleito” em conjunto com a ideia de ver a Bíblia como “escrita sagrada” foi extremamente danosa para a interpretação crítica da trajetória histórica da sociedade vetero-israelita. Tais percepções produziram marcas indelévels na historiografia pertinente a este tema³. Israel, por muito tempo, foi visto como um ente superior, deslocado de seu contexto, uma sociedade distinta e desenvolvida não comparável aos demais grupos humanos que habitaram o Levante.

Frente ao exposto, o presente texto tentará demonstrar como Israel absorveu elementos forâneos dando ênfase especial para o processo de construção do ideário monoteísta. Das diversas divindades presentes na Bíblia Hebraica apenas três receberão uma análise mais dedicada, a saber: El, Asherá e Javé. Este último, contudo, será alvo de uma análise mais prolongada essencialmente por conta de uma maior disponibilidade de fontes. As citações bíblicas a serem abordadas foram extraídas da

¹ Entende-se por “saber histórico escolar” um determinado conjunto já cristalizado de informações que são veiculadas aos discentes da educação básica. No saber escolar as mudanças de interpretação são absolutamente vagarosas se comparadas ao saber acadêmico, em especial o de História, onde as reinterpretações são mais presentes. De qualquer modo é ingênuo achar que possa existir uma sincronia entre saber escolar e acadêmico até mesmo porque ambos possuem características profundamente distintas. Para mais informações: Barnabè, L. E. História antiga e livros didáticos no século XXI: inovações e permanências. *Alétheia*, Goiânia, v. 9/2, 2014.

² Davies, P. R. *In Search of 'Ancient Israel*, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1995, p. 25.

³ Veja-se: Banks, 2006; PFOH, 2007 e Whitelam, 1996.

*Nova Bíblia pastoral*⁴, considerada aqui neste estudo como uma das melhores traduções do texto bíblico disponível em língua portuguesa.

O DEUS *EL*

O discurso religioso de tom mais conservador, seja cristão ou judaico, nega a existência de outras divindades no texto bíblico utilizando-se para isso da errônea percepção de que a Bíblia contém diferentes nomes para o mesmo deus. Em realidade, os distintos nomes divinos presentes na narrativa veterotestamentária apontam exatamente para uma pluralidade de divindades. Embora a tradição religiosa judaico-cristã tenha transformado *el* em sinônimo de *deus* é preciso reconhecer que o deus El, presente em determinadas passagens bíblicas, refere-se exatamente ao mesmo deus El chefe do panteão cananeu, como bem atestam os textos de Ugarit⁵.

De acordo com Moura, os séculos XV ao XIV AEC presenciaram o florescimento da literatura ugarítica⁶ por meio da qual é possível identificar os nomes de divindades presentes nesses textos que posteriormente foram também incorporadas na Bíblia Hebraica. El, sem dúvida, tem destacado papel em ambas. É interessante notar que o antigo Israel tronou-se conhecido por sua devoção a Javé, contudo, o próprio nome Israel dá indícios da importância do deus cananeu El para essa sociedade, como bem destaca Ribeiro:

[...] El é nome de um dos deuses do panteão cananeu [...] De fato, o principal deus cananeu. O fato de o elemento teóforo $\text{לֵא} \text{El}$ compor o nome com que aquele povo é designado deve necessariamente indicar para um fato: o que quer que historicamente tenha sido em suas origens, o contingente sociocultural e político-religioso “Israel” prestava íntimo culto a El, profundo até o ponto de marcar-se com o nome da divindade. Não é preciso descartar o culto a nenhum outro deus daquela tradição – é preciso assinalar que Israel está originalmente vinculado, e de forma muito íntima, a El [...].⁷

⁴ Nova Bíblia pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

⁵ Ras Shamra-Ugarit situada “na costa do Mar Mediterrâneo, no norte da Síria, destruída por volta de 1200 a.C., portanto, no período da sedentarização de Israel”, Schmidt, 2004, p. 220. As citações dos textos de Ugarit traduzidas para o português foram extraídas do trabalho de Moura, 2016.

⁶ Moura, 2016, p. 4.

⁷ Ribeiro, 2016 (a), p. 15.

Na literatura ugarítica o deus El tem um papel proeminente. É apresentado como criador e progenitor dos deuses. Como é possível verificar, por exemplo, nas seguintes passagens:

KTU 1.4 II, 11

Ela rogou ao touro El,
O deus da misericórdia,
Ela suplica ao criador das criaturas⁸

KTU 1.123, 1

(Salve), óh pai e o (resto dos) deuse[s]!
(E) salve, salve, ó E [l (...)]!
[S]alve, óh El, o príncipe!⁹

El, contudo, não está sozinho, nos textos ugaríticos ele aparece associado a sua divina esposa Athirat, identificada como Asherá na literatura bíblica, conforme será possível ver adiante. Tais características de El, criador e progenitor dos deuses, podem ser identificadas em algumas passagens bíblicas com destaque especial para Dt 32:8-9 onde se lê:

8 Quando Elion repartia a herança
para as nações
e quando espalhava os filhos de Adão,
ele estabeleceu os territórios dos povos,
conforme o número dos filhos de El.
9 Mas a parte de Javé foi o seu povo,
o lote da sua herança foi Jacó.

Os mencionados versículos apontam claramente que El possui filhos/herdeiros sendo que o lote da herança do deus Javé foi o seu povo (Jacó = Israel), desse modo, o próprio deus Javé é apresentado como sendo filho do deus El. Entretanto, o referido versículo faz igualmente referência a Elion, termo que a pesquisa acadêmica tem identificado como epíteto de El¹⁰. Cabe ainda destacar que a tradução do versículo 8 de Deuteronômio 32 tem uma trajetória conflituosa onde operações intencionais dos tradutores tentaram dar outros significados a expressão “filhos de El” de modo que,

⁸ Moura, 2016, p. 10.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Moura, 2016, p.17; Ribeiro, 2016 (b), p. 1449.

a depender da consulta em diferentes traduções da Bíblia, podem ser encontrados os termos: “filhos dos deuses”, “anjos de Deus” e “filhos de Israel”¹¹.

A clara identificação de El nos textos de Ugarit não se repetirá na narrativa bíblica, especialmente por conta de um processo de fundição entre o deus El e o deus Javé. Nesse ponto cabe observar que El emerge antes que Javé no texto bíblico, porém, no decorrer do desenvolvimento do ideário monoteísta, perpetrado, como se verá, pela ação de reis reformadores e dos próprios redatores da narrativa veterotestamentária, a figura de Javé vai crescendo em importância ao ponto de engolir as outras divindades mencionadas na Bíblia. Dois versículos bíblicos podem exemplificar essa situação: em Gn 33:20¹² o deus El, o mesmo El chefe do panteão cananeu, é identificado como sendo o deus de Israel, por sua vez, em Ex 20: 5¹³ percebe-se o sincretismo entre El e Javé obviamente num momento em que, o monoteísmo excludente, característica central do monoteísmo javista, ainda não estava consolidado¹⁴.

A DEUSA *ASHERÁ*

Das divindades femininas¹⁵ presentes na Bíblia, Asherá foi a figura de maior notoriedade. Entretanto, as referências a mencionada deusa estão para além do texto bíblico. Podemos encontrá-la, de igual modo, nos textos de Ugarit e em fragmentos arqueológicos provenientes de sítios como KhibertelQom, TellMiqneh e KuntiiiletAjrud. Na Bíblia, porém, Asherá é referenciada de duas maneiras: como uma deusa propriamente e como um objeto idólatrico (poste sagrado). De acordo com Severino Croatto¹⁶, a descrição da deusa como um mero “poste sagrado” inscreve-se numa tentativa dos redatores do texto bíblico de diminuir o papel dessa divindade, de apagar ou ao menos minimizar a importância do seu culto em meio a sociedade do antigo Israel. Em Dt 16: 21 vemos um

¹¹Ribeiro, 2016 (b), p. 1441. Römer também destaca as distintas versões que o referido versículo recebe no texto massorético, na versão grega e num fragmento de Qumrã. Römer, 2016, p. 44.

¹² “Aí levantou um altar, que denominou [El, o Deus de Israel]”.

¹³ “Não se proste diante desses deuses, não lhes sirva, porque eu, Javé seu Deus, sou El ciumento. Castigo a culpa dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração dos que me desprezam”.

¹⁴ Reimer, 2009, p. 79.

¹⁵ Tais como Anat (que na Bíblia será identificada como sendo o território de Anatot: Jer 1:1; I Rs 2:26), Neustã (Nm 21: 4-9) e Chokmah (Provérbios 8: 22-31).

¹⁶ Veja-se Croatto, 2001.

exemplo dessa situação: “Não finque uma Aserá nem plante árvore nenhuma junto a um altar de Javé, o seu Deus, que você tenha feito para si”.

Apesar da referida tentativa dos redatores bíblicos, a narrativa veterotestamentária preserva passagens importantes que demonstram a relevância de Asherá. Alguns aspectos podem ser aqui destacados: sua adoração deu-se tanto em Judá (I Rs 15:13) quanto em Israel (I Rs 16:33), possuía um contingente significativo de profetas dedicados ao seu culto (I Rs 18:19) e sua adoração era oficial dado que havia uma estátua da deusa situada dentro do templo (II Rs 21:7).

O já mencionado versículo de I Rs 15:13 contém ainda outra informação relevante no sentido de demonstrar que a deusa Asherá era venerada inclusive por membros da família real, ou seja, não se tratava, apenas, de uma devoção típica da religiosidade popular que, por vezes, fomenta crenças destoantes das normas estabelecidas pelas elites sacerdotais. Thomas Römer aponta, de igual modo, para outro aspecto da devoção a referida deusa: o papel aparentemente central que as mulheres desempenhavam nesse culto¹⁷. Nesse sentido, II Rs 23:7 aponta para a atuação feminina: “Destruí os locais de prostituição sagrada que havia na Casa de Javé, onde as mulheres teciam abrigos para Aserá”¹⁸.

Römer também salienta a probabilidade da deusa Asherá ter sido identificada como “Rainha do Céu”¹⁹; se tal probabilidade for procedente a própria queda do reino de Judá é associada a interdição do culto a Asherá em decorrência da rigorosa reforma religiosa perpetrada por Josias. Nesses termos se verifica em Jr 44:17-18:

17 Nós faremos aquilo que prometemos: queimaremos incenso para a rainha do céu e derramaremos vinho em honra dela. Faremos da mesma forma como fizemos, assim como nossos pais, nossos reis e nossos oficiais fizeram nas cidades de Judá ou nas ruas de Jerusalém, quando nos fartávamos de pão, éramos felizes e não conhecíamos a desgraça. 18 Pois, quando paramos de queimar incenso para a rainha do céu e de derramar vinho em sua honra, começou a faltar tudo, e nós morremos pela espada e pela fome.

¹⁷ Römer, 2016, p. 166.

¹⁸ É importante salientar que a ênfase no papel feminino nesse versículo está no fato das mulheres que teciam abrigos para a deusa e não no fenômeno da prostituição sagrada o qual contava com sacerdotes masculinos. A esse respeito, mais informações podem ser encontradas em: Montalvão, S. A. A Homossexualidade na Bíblia Hebraica - Um Estudo Sobre a Prostituição Sagrada no Antigo Oriente Médio. Dissertação de Mestrado em Língua Hebraica Literatura e Cultura Judaicas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, FFLCH - USP, Brasil, 2009.

¹⁹ Römer, 2016, p. 167.

Por seu turno, na literatura ugarítica Asherá possui um papel de absoluta relevância, é a progenitora dos deuses, a divina esposa do chefe do panteão cananeu, o deus El. A esse respeito se pode verificar as seguintes passagens:

KTU 1.4 I,22

Preparem por favor! Um presente em reverência,
para a senhora Asherah do mar,
um presente de súplica para a progenitora dos deuses²⁰

KTU 1.6 I, 43-55

Em voz alta gritou El,
para a grande dama Asherah do mar:
escuta, óh grande dama Asherah do mar!
Dê-me um dos seus filhos para fazer-lhe rei.²¹

O papel de divina esposa ocupado por Asherá poderá ser igualmente verificado nas inscrições provenientes dos sítios arqueológicos supracitados. No caso de KhibertelQom, situado na região de Judá entre Láquis e Heborn, foi identificada uma inscrição datada entre os séculos VIII e VII AEC contendo a seguinte frase: “[...] por Javé e por sua Asherá a qual mantém sua mão sobre ele [...]”. A mencionada inscrição, além de atestar a ligação entre o deus Javé e “sua Asherá”, evidencia, como afirma Croatto, o papel de protetora exercido pela deusa²².

Outra inscrição, datada em torno de 800 AEC, mas, por sua vez, proveniente de KuntilletAjrud, localizado no nordeste do Sinai, igualmente atesta a ligação entre Javé e “sua Asherá”: “a benção para ti, por Javé de Teiman e sua Asherá” Ainda do mesmo sítio uma nova inscrição menciona: “eu te abençoo por Javé de Samaria e por sua Asherá”. Sendo assim:

Para Croatto o interessante nessas inscrições é que Javé aparece relacionado a cidades que provavelmente eram santuários locais, assim como em Amós 4:4 onde o mencionado deus está associado a seu culto em Betel e Guilgal e Amós 5:5 onde aparece relacionado a Betel, Guilgal e também Bersabéia.²³

²⁰ Moura, 2016, p. 11.

²¹ Ibidem.

²² Croatto, 2001, p. 5.

²³ Berlesi, 2012, p. 107.

No caso de TellMiqneh, situado aproximadamente a 35 km a oeste de Jerusalém, a deusa aparece de forma isolada, as inscrições daí provenientes podem configurar-se como uma espécie de oferenda: “para Asherá” ou “Consagrado a Asherá”. De qualquer modo as inscrições de TellMiqneh, evidentemente, configuram-se em evidências materiais do culto em devoção a deusa. Para além disso, as informações oriundas de KuntilletAjrud e KhirbetelQom permitem supor uma relação conjugal entre Javé e “sua Asherá” especialmente por conta do fato de que o referido deus não aparece relacionado a outras divindades femininas. De igual modo, é importante recordar que Asherá é apresentada na literatura ugarítica como a esposa divina do deus El, uma vez que Javé vai gradualmente assumindo o papel de El é presumível que tenha adquirido também a sua consorte.

O DEUS *JAVÉ*

Como referido no início desse estudo, uma leitura superficial da Bíblia Hebraica pode transmitir a ideia de que o antigo Israel, desde os seus primórdios, prestava um culto exclusivo ao deus Javé. Entretanto, é plenamente plausível pensar que até mesmo o referido deus tenha sido uma herança estrangeira, ou seja, Javé, em tese, não foi uma criação original da sociedade vetero-israelita. Aliás, a referida divindade chega tardiamente em Israel e, nesse aspecto, o texto bíblico preserva o esforço de seus redatores no sentido de retrojetar o deus Javé para o período dos patriarcas como se faz perceptível em Ex 6: 2-3: “2 Deus falou a Moisés: “Eu sou Javé”. 3 Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como El Shadai, mas a eles não dei a conhecer meu nome de Javé”. Desse modo, a tentativa dos redatores se dá no sentido de explicar o desconhecimento dos patriarcas em relação a Javé dado que estes teriam conhecido a divindade por outro nome. Para além disso, o versículo de Ex 6: 3 também preserva uma associação tardia entre o deus El e o deus Shadai uma vez que estes aparecem separados em determinadas passagens bíblicas mais remotas²⁴.

Mesmo com uma larga trajetória de pesquisa, a academia ainda não possui consenso sobre o local em que se origina o culto a Javé. Há vários indícios, contudo, que apontam para raízes pré-israelitas do culto javista inclusos aí diversos versículos bíblicos. A tentativa de explicação mais pertinente

²⁴ A esse respeito, veja-se, por exemplo, Nm 24:4: “oráculo daquele que ouve os ditos de El. Derrubado ao chão, mas com os olhos abertos, ele vê a visão de Shadai”.

relativa a esse tema consiste na chamada *Hipótese midianita-quenita* que associa a origem do javismo “[...] a lastribus que vivianenelcinturón árido ubicado al sur y sureste de Palestina elNegev, sur de Transjordania (elantiguoEdom) y el norte delHejaz (elantiguoMadián)”²⁵. Acerca da mencionada hipótese Tebes complementa:

Esta hipóteses se basa principalmente en la interpretación de algunos pasajes bíblicos. Una serie de textos bíblicos relata la estadía de Moisés en la tierra de Madián y su relación con su yerno, Jetro, sacerdote de Madián (Éx 2:16-22). Fue en el desierto de Madián que el ángel de Yahvé se le apareció en “Horeb, el monte de Dios”, y donde el nombre divino fue revelado por primera vez (Éx 3:1-6). Aunque Jetro exclamó “bendito sea Yahvé” y le ofreció sacrificios (Éx 18:10-12), no se menciona para nada que Jetro haya sido sacerdote de Yahvé y Yahvé el dios de Madián. De hecho el asunto es aún más complicado, debido a que Jetro es identificado en otros lugares como un quenita (Jue 1:16; 4:11), otro grupo del sur vagamente relacionado con los madianitas y amalecitas (Jue 6:3; 1 Sam 15:5-6) que parece haberse asentado en el norte del Negev y que estaba estrechamente relacionado con algunos clanes de Judá. Un segundo grupo de textos, algunos poéticos y probablemente arcaicos, asocia a Yahvé con lugares ubicados al sur o sureste de Palestina. En el Cantar de Débora, se dice que Yahvé partió de Seir, y “avanzó” por los campos de Edom (Jue 5:4); Seir y Edom aparecen, en este y en otros versículos bíblicos, como regiones geográficamente cercanas, e incluso como la misma tierra. La Bendición de Moisés repite, de manera similar, que Yahvé vino del Sinaí, “se ha levantado” desde Seir, brillando en el Monte Parán (Deut 33:2). Los libros proféticos presentan imágenes análogas, haciendo referencia a los sitios meridionales de Temán, Monte Parán y Bosra (Hab 3:3; Isaías 63:1)²⁶.

Como se pode notar há um conjunto de passagens bíblicas que fazem questão de apontar para uma procedência forânea de Javé, de modo que aquele que se tornou o principal (e posteriormente único) deus de Israel teve sua origem fora desse território. Porém, a mesma ausência de consenso sobre a origem exata do javismo se manifesta na tentativa de elucidar como o culto javista penetra e se estabelece em Israel. A esse respeito argumenta-se, por exemplo, sobre a “tradição do êxodo” a qual consiste na tese de que um pequeno grupo que de fato conseguiu escapar do Egito acabou incorporando Javé ao seu panteão a partir da convivência nos territórios de Midiã e Edom onde, supostamente, Javé já era adorado. Por sua vez, outra hipótese reside na questão do casamento dinástico ocorrido entre a família real de Israel e a família real de Edom²⁷.

²⁵ Tebes, 2016, p. 240.

²⁶ Tebes, 2016, p. 240-241.

²⁷ Acerca das mencionadas hipóteses veja-se: Ribeiro, 2016 (a), p. 23-24.

Apesar das questões ainda não solucionadas pela pesquisa acadêmica o fato é que Javé se estabelece de tal forma em Israel ao ponto de suplantar as demais divindades do panteão israelita. Evidentemente, tratou-se de um processo gradual, conflituoso e com variações entre Israel e Judá²⁸. Grosso modo, entende-se atualmente que a transformação que culminou no culto exclusivo ao deus Javé inicia-se, em termos cronológicos, no século IX AEC²⁹ no reino do norte por meio de uma monolatria³⁰ estendendo-se até os séculos V/IV AEC³¹ quando Javé suplanta todas as demais divindades e se torna único.

A predileção por Javé, de igual modo, ainda não está totalmente sanada, afinal: por quais razões os israelitas trocaram suas demais divindades por Javé? A esse respeito Römer salienta que um ponto importante na história do referido deus foi o cerco assírio a cidade de Jerusalém em 701 AEC. Samaria já havia sido derrotada em 722 AEC e o risco para Judá era eminente, entretanto, o fato do cerco assírio ter sido abortado e Jerusalém não ter sido invadida reforçou a crença no Javé de Jerusalém transformando-o no “verdadeiro” deus³².

Porém, apenas o episódio de 701 AEC parece ser insuficiente para explicar o fenômeno do culto exclusivo a Javé. Nesse aspecto, é preciso também considerar a intervenção violenta do Estado normatizando a vida religiosa e combatendo as práticas consideradas destoantes. Sem dúvida, a mais enfática intervenção estatal nesse processo parece ter sido a reforma de Josias em cerca de 620 AEC.

É preciso reconhecer que a tese da reforma de Josias possui um “calcanhar de Aquiles”, qual seja: a Arqueologia não é capaz de confirmar a alegada reforma³³, trata-se de uma proposição pautada essencialmente na narrativa veterotestamentária. Finkelstein e Silberman, contudo, elaboraram um

²⁸ Römer, 2016, p. 105.

²⁹ Reimer, 2009, p. 36.

³⁰ Monolatria implica a adoração de um panteão de divindades onde uma delas se destaca como a mais importante. Um exemplo de caráter monolátrico na Bíblia pode ser observado em Sl 82:1: “Deus se mantém de pé no meio da assembléia divina, em meio aos deuses ele julga”.

³¹ Moura, 2016, p. 19.

³² Römer, 2016, p. 242-243.

³³ Römer, 2016, p. 191.

árduo esforço intelectual tomando por base a reforma religiosa de Josias o que culminou na publicação de uma obra de repercussão mundial³⁴.

Apesar de seu ponto débil, exposto acima, a reforma josiânica é capaz de demonstrar como a intervenção do Estado foi determinante para combater o culto as outras divindades, embora nem sempre com sucesso³⁵, e, conseqüentemente, contribuir para a consolidação do monoteísmo javista. Um claro exemplo dessa repressão violenta pode ser encontrado em Ex 22:19 : “Quem sacrificar aos deuses, e não apenas a Javé, será exterminado”. Por seu turno, Dt 6:4 afirma: “Escute, Israel! Javé é o nosso Deus, Javé é um”. O referido versículo, de acordo com Reimer, manifesta a expressão do “monoteísmo nacional” decorrente da reforma josiânica³⁶. Desse modo, entende-se o esforço da classe sacerdotal de Josias em combater as demais divindades cultuadas pelos israelitas reforçando a exclusividade de Javé. Por fim, o relato presente em II Rs 23:1-30 apresenta as ações concretas do referido monarca no sentido de extirpar altares, profetas e imagens de outras divindades cultuadas no antigo Israel o que demonstra que Javé firmou-se também pela eliminação intencional dos seus concorrentes.

REFERÊNCIAS

Dianne, Banks, *Writing the history of Israel*. New York: T & T Clark International, 2006.

Luis Ernesto, Bernabé, *História antiga e livros didáticos no século XXI: inovações e permanências*. Alétheia, Goiânia, v. 9/2, 2014.

Josue, Berlesi, *"Eu sou Yhwh teu deus": considerações sobre o processo de monoteização masculina no antigo Israel*. In: José Pedro Garcia Oliveira, Doriedson S. Rodrigues, João Batista do Carmo Silva, Odete da Cruz Mendes. (Org.). Educação, Ciência e Desenvolvimento na Amazônia Tocantina. 370ed. Cametá: UFPA, 2012.

³⁴ A obra foi originalmente publicada em 2001 com o seguinte título: “The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts”, contudo, no Brasil, no ano de 2003, recebeu a seguinte tradução: Finkelstein, I.; Silberman, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.

³⁵ Antes de Josias uma reforma religiosa havia sido empreendida por Ezequias. A ação iconoclasta de Ezequias, visível, por exemplo, em II RS 18: 4 durou até o momento em que Manassés reintroduziu o culto a Asherá. Veja-se: Römer, 2016, p. 183-184.

³⁶ Reimer, 2009, p. 60.

-
- José Severino, Croatto, *La Diosa Asherá en el antiguo Israel: el aporte epigráfico de la arqueología*, 2001. Disponível em: www.severinocroatto.com.ar, acesso em 12/08/2009.
- P. R., Davies, *In Search of 'Ancient Israel*, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1995.
- I., Finkelstein; N. A. Silberman, *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- S. A., Montalvão, *A Homossexualidade na Bíblia Hebraica - Um Estudo Sobre a Prostituição Sagrada no Antigo Oriente Médio*. Dissertação de Mestrado em Língua Hebraica Literatura e Cultura Judaicas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, FFLCH - USP, Brasil, 2009.
- L. R., Moura, *A Cidade de Ugarit: Contribuições Para o Estudo da Religião do Antigo Israel*. Revista Nures, v. 32, p. 1-20, 2016.
- Nova Bíblia pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.
- Emanuel, PFOH, *Más allá del círculo hermenéutico: El pasado de Israel entre la teología del Antiguo Testamento y la historia de Palestina*. En: *Revista Bíblica* (Sociedad Argentina de Teología - Buenos Aires), vol. 69 num. 1-2, 2007.
- Reimer, H.. *Inefável e sem forma*. Estudos sobre o monoteísmo hebraico. Goiania; São Leopoldo: Editora da Ucg; Oikos, 2009.
- ribeiro, Osvaldo Luiz. *Yahweh como um deus outsider: duas hipóteses explicativas para a introdução do culto de Yahweh em Israel*. Revista Ágora (Vitória), v. 23, p. 13-29, 2016 (a).
- Osvaldo Luiz, Ribeiro, *`elyôn como hipóstase de Ahura Mazda - uma leitura de Dt 32,8-9*. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online), v. 14, p. 1437-1459, 2016 (b).
- Thomas, Römer. *A origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome*. Tradução de Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016.
- Werner H., Schmidt, *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2004.

- J. M., Tebes, *La materialidad de los cultos del desierto y los orígenes del culto deYahvé*. In R. Flammini & J.M. Tebes (eds.), *Interrelaciones e identidades culturales en el Cercano Oriente Antiguo*. Buenos Aires, IMHICIHU-CONICET, 2016.
- K., Whitelam, *The Invention of Ancient Israel: The Silencing of Palestinian History*. London: Routledge, 1996.